

EDUCAÇÃO EMPÁTICA PARA A PROMOÇÃO DA CONSCIENTIZAÇÃO AMBIENTAL

Vitória da Cruz Cardoso ¹

Waleska Ferreira Xavier ²

Marília Pereira Dutra ³

Lilian K. de S. Galvão - Orientadora ⁴

RESUMO

Sabendo das altas taxas de degradações ambientais provocadas pela ação do homem, este trabalho objetiva promover a conscientização ambiental por meio da sensibilização empática, com a finalidade de reduzir a incidência de agressões contra o meio ambiental. A empatia é compreendida por M. Hoffman como uma habilidade social que proporciona ao sujeito a experiência de se colocar no lugar do outro; já o termo agressão, de acordo I. Landim e J. Borsa, refere-se a comportamentos intencionais que visam promover danos ao outro. Partindo desses conceitos, o presente artigo constitui uma pesquisa-intervenção norteada pela técnica racional-afetiva de sensibilização empática, realizada com crianças do 4º ano do ensino fundamental de uma escola pública da cidade de Campina Grande-PB, com idades entre 9 e 11 anos. Os dados obtidos foram registrados em um Diário de Campo e analisados com base na análise de conteúdo de M. Minayo. Para promover a empatia, as intervenções realizadas foram organizadas em quatro etapas: aquecimento, dramatização, compartilhar e ações pró-sociais. Os resultados demonstraram que a promoção da sensibilização empática para a conscientização ambiental mostrou-se um modelo de intervenção promissor para: (1) reduzir comportamentos agressivos dirigidos ao meio ambiente; (2) favorecer ações altruístas relacionadas ao meio ambiente; e (3) construir posicionamentos críticos quanto à destruição da natureza. Espera-se que esse trabalho de intervenção inspire outros, abordando outros públicos, assim como, fomenta políticas públicas de educação ambiental.

Palavras-chave: Empatia, Comportamentos agressivos, Meio ambiente.

INTRODUÇÃO

No cenário mundial atual, apesar de todo o avanço no conhecimento sobre o meio ambiente e da construção de leis ambientais, ainda se constata consideráveis agressões contra a natureza que comprometem a vida de todo o ecossistema e da própria sobrevivência humana. Tais agressões oscilam de ações simples até devastações em alta escala, todas com consequências significativas. O simples ato, por exemplo, de jogar uma garrafa plástica no mar pode ocasionar mortes de animais marítimos. E, de forma mais ampla, a negligência de

¹Graduanda do curso de Psicologia da Universidade Federal de Campina Grande - UFCG, vitoriaccardosos96@gmail.com;

² Graduanda do Curso de Psicologia da Universidade Federal de Campina Grande- UFCG, waleska.ferreira@gmail.com;

³ Mestranda do Programa de Pós-graduação em Psicologia Social da Universidade Federal da Paraíba - UFPB, mdutracc@gmail.com;

⁴ Professora orientadora, Doutora em Psicologia, Docente do Curso de Psicologia da Universidade Federal de Campina Grande - UFCG, liliangalvao@yahoo.com.br.

leis ambientais pode promover desastres avassaladores, como o de Mariana–MG/Brasil, acontecido em 2015, e o de Brumadinho–MG/Brasil, em 2019.

Diante do exposto, pergunta-se: por que ainda se verifica tantas violações ao meio ambiente, apesar das diversas conferências ambientais, de todo conhecimentos produzidos no cenário acadêmico científico e dos avanços nas leis de proteção ambiental? O Brasil, por exemplo, de acordo com Betiol (2010), tem um dos sistemas de leis ambientais mais completos do mundo, desde a aprovação da Lei N° 9.605 (1998), e ainda assim é um dos países onde os desastres ambientais tornaram-se “comuns”.

Acredita-se que um caminho oportuno para minimizar a violação ao meio ambiente seja a promoção de educação ambiental no espaço escolar, mediante a inserção de programas de conscientização ambiental, com o uso da sensibilização empática (GALVÃO, 2010). A ideia é que as escolas garantam não só a compreensão acadêmica de que diversas ações humanas são responsáveis por ocasionar um desequilíbrio no ecossistema, mas também que elas promovam uma sensibilização com a causa ambiental, fazendo com que os indivíduos se sintam corresponsáveis pela preservação do meio ambiente e construam um posicionamento crítico a respeito, transformando-se em agentes de mudanças em sua família e comunidade. Por outro lado, sabe-se que, além da inserção de programas ambientais dessa natureza, outros avanços também precisam acontecer, no âmbito jurídico e político, relacionados ao meio ambiente, sobretudo aqui no Brasil.

A proposta de educação ambiental defendida neste trabalho está ancorada em três construtos teóricos principais: Educação ambiental, Agressividade e Empatia.

A Educação ambiental é definida na Lei N° 9.795 (BRASIL, 1999) como:

“processos por meio dos quais o indivíduo e a coletividade constroem valores sociais, conhecimentos, habilidades, atitudes e competências voltadas para a conservação do meio ambiente, bem de uso comum do povo, essencial à sadia qualidade de vida e sua sustentabilidade”.

De acordo com o artigo 1° da referida lei, a educação ambiental possui como principal objetivo promover a conscientização pública para a preservação da natureza no âmbito formal e não formal. Dessa maneira, dentro da esfera formal, as escolas precisam adotar políticas públicas que incorporem a educação ambiental ao programa educacional em todos os níveis de ensino, em conformidade com o artigo 3° da lei de educação ambiental.

Historicamente, verifica-se no Brasil a criação de vários programas educacionais relacionados à preservação do meio ambiente, como o ProNEA – Programa Nacional de Educação Ambiental –, para garantir a integração das diversas dimensões da sustentabilidade na esfera educacional, além de tentar estabelecer um diálogo entre as instituições formais e

não formais. Também se constata, no cenário brasileiro, o fomento de políticas públicas e a promoção de espaços de discussão e construção de conhecimentos, como a Conferência Nacional da Educação Ambiental, que acontece desde 2003 em versões adultas e infanto-juvenis.

Entretanto, de acordo com Medeiros, Ribeiro e Ferreira (2011), mesmo com todas essas conquistas no decorrer da história brasileira, é notável que ainda existem barreiras para a inserção da educação ambiental no ensino fundamental das escolas públicas, visto que a maioria dos professores, apesar de dominarem a teoria em relação aos problemas ambientais, não possuem uma capacitação para aplicar atividades relacionadas ao tema.

No presente trabalho, como já foi ressaltado, anteriormente, defende-se que mais do que informação sobre o meio ambiente, é necessário que as escolas promovam intervenções que sensibilizem as crianças a respeito do tema. Julga-se, com base em estudos anteriores (SEVILLANO; ARAGONÉS; SCHULTZ, 2007; SOUSA et al, 2017), que a promoção da sensibilização empática poderá favorecer a redução de comportamentos agressivos dirigidos ao meio ambiente.

A Agressividade é conceituada, neste trabalho, como um comportamento intencional que visa promover danos ao outro (LANDIM; BORSA, 2017) e pode se expressar de quatro formas, segundo Buss e Perry (1992): a) agressão física: bater, empurrar, chutar, esmurrar alguém; b) agressão verbal: palavrões, insultos, palavras de afrontas; c) raiva: expressa reações de fúria, dificuldade de controlar o temperamento e fácil irritação, deixando-a transparecer e d) hostilidade: reflete-se, principalmente, em condutas de desconfiança em relação aos outros.

A Empatia é definida, por sua vez, como sendo

“a capacidade de uma pessoa para colocar-se no lugar do outro (role-taking), inferir seus sentimentos e, a partir do conhecimento gerado por esse processo, dar uma resposta afetiva mais adequada para a situação do outro do que para sua própria situação” (HOFFMAN, 1989, p. 285).

É importante mencionar que a relação entre educação ambiental, empatia e violações ao meio ambiente não é uma novidade teórica, nem empírica. Um estudo realizado por pesquisadores da Espanha e dos Estados Unidos demonstraram que a tomada de perspectiva, promovida pela exposição a imagens de animais sofrendo na natureza (ex: um cervo atropelado por um carro, um urso em uma pilha de lixo, uma águia em uma chaminé de uma fábrica), causaram entre os participantes (universitários) um aumento nas preocupações ambientais com a biosfera (SEVILLANO; ARAGONÉS; SCHULTZ, 2007). Em um outro estudo, realizado por Geiger et al (2017), também com universitários, os autores observaram

uma ativação em regiões cerebrais ativas em processos de empatia quando os participantes visualizavam danos ao ecossistema (isto é, sem animais). Estudos anteriores já tinham demonstrado um padrão de comportamento cerebral semelhante quando os participantes foram submetidos à visualização de sofrimento humano e de animais.

Uma outra pesquisa, realizada por Berenguer (2007), com uma amostra de estudantes universitários espanhóis, o autor constatou que os participantes que mostraram um alto nível de empatia apresentaram comportamentos e atitudes ambientais mais fortes.

Tendo como base os aportes teóricos apresentados e os estudos realizados relacionando empatia e meio ambiente, é que o presente trabalho tem como objetivo principal promover a conscientização ambiental por meio da sensibilização empática, com a finalidade de reduzir a incidência de agressões contra o meio ambiental.

METODOLOGIA

O presente artigo constitui uma pesquisa-intervenção, compreendida como uma modalidade de pesquisa que permite tanto a sistematização de dados, quanto a promoção de ações transformadoras (FAVERO, 2011).

A pesquisa-intervenção realizada aconteceu em 12 encontros, dos quais será relatado apenas um em função do volume de resultados, e contou com a participação de 15 crianças do quarto ano do ensino fundamental I de uma escola pública da cidade de Campina Grande - PB, com idades de 9 a 12 anos, sendo 9 meninos e 6 meninas. Os encontros duraram cerca de 60 minutos cada e foram conduzidos por três mediadoras. A coleta de dados seguiu o procedimento ético padrão, sendo aprovada pelo comitê de ética em pesquisa com seres humanos (CAAE: 91791518.6.0000.5182).

Durante os encontros, para a promoção da sensibilidade empática em relação ao meio ambiente, utilizou-se a técnica intitulada “racional-afetiva” (GALVÃO, 2010), que mescla o uso de exercícios imaginativos, fundamentados no psicodrama, com o uso de rodas de conversas. Mais precisamente, as intervenções foram executadas seguindo as três etapas essenciais de psicodrama, que são (MALAQUIAS, 2012): o aquecimento, a dramatização e o compartilhar, acrescida de uma etapa intitulada comportamento pró-social, referente à realização de ações proativas.

Os dados coletados foram registrados em um Diário de Campo e foram analisados por meio da técnica de Análise de Conteúdo de Minayo (1998).

Os recursos, a técnica e o objetivo da intervenção, que será compartilhada neste artigo, estão descritos, de forma sucinta, no Quadro 1.

Quadro 1 - Descrição da intervenção realizada: recursos, técnica, objetivos.

Intervenção: “Agressão ao meio ambiente e desenvolvimento empático”
Recursos: Vídeo “O homem”, projetor, notebook, caixa de som, máscaras, slides, mudas de plantas.
Técnicas: Contação de história, dramatização.
Objetivo: Reduzir os comportamentos agressivos em relação ao meio ambiente.

Fonte: elaboração própria.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Intervenção: descrição e análise dos registros do diário de campo

Conforme foi anunciado no método, as intervenções foram realizadas em quatro etapas, que serão descritas e discutidas a seguir, considerando a análise de conteúdo realizada com os dados coletados do Diário de Campo.

Na etapa do Aquecimento, que visa preparar o grupo para a dramatização, foi exibido um vídeo de animação intitulado “Homem”, do ilustrador e animador inglês Steve Cutts, disponível no *youtube* desde 2013, com uma duração de cerca de 3 minutos e 37 segundos. Esse curta mostra um homem, representando todos os seres humanos, que habita em um “ambiente saudável”, mas que, ao se apropriar dos recursos naturais de forma demasiadamente exploratória e degradante, vivencia a total destruição do seu planeta. A animação ilustra temas relacionados ao meio ambiente, como os diferentes tipos de poluição, o abatimento de animais pela indústria de roupas e alimentos, os testes em animais e a exploração de florestas. Em síntese, o curta expõe como a atitude desrespeitosa do homem para com os recursos naturais pode ser tóxica e prejudicial para vida humana.

Conforme pode ser observado nos trechos extraídos dos registros do Diário de Campo, no decorrer da apresentação da animação surgiram entre as crianças reações e expressões que demonstram uma sensibilização empática com o meio ambiente:

“ta doendo em mim”; “bicho ruim do *****”; “ele maltratou os animais”; “bicho ruim da molesta”.

Para colocar em prática a técnica racional-afetiva (GALVÃO, 2010), que mescla vivências afetivas (sensibilizações) com cognitivas (problematizações), ao final do vídeo, a mediadora questionou: “Quem pode ser esse homem?” e surgiram respostas como: “um caçador”, “um assassino” e, então, a mediadora entrevistou “esse homem não seria todos nós

quando agredimos o meio ambiente?”. Depois dessa indagação, as crianças relataram situações vivenciadas em seu cotidiano relacionadas ao tema da degradação ambiental:

“Dentro da minha casa aparece até cobras”; “Sou acostumada com o lixo porque moro perto do lixão”; “Quando chove, o lixo desce e fica na rua”

Note-se, assim, como um vídeo, usado de forma mediada, pode ser útil no processo de conscientização e sensibilização ambiental, o que está em consonância com Vygotsky (1984) quando ressalta a relevância do mediador no processo educacional.

Na etapa da Dramatização, que é caracterizada pelo desenvolvimento de uma cena (MALAQUIAS, 2012), foi proposto que as crianças participassem de um teatro baseado em uma narrativa que conta com árvores, animais e caçadores como personagens. Para ajudar no desenvolvimento da cena, foi feito um sorteio para a distribuição de máscara que representavam os personagens da história (Figura 1).

Figura 1 - Registro fotográfico das máscaras usadas pelas crianças participantes da dramatização de uma cena sobre a degradação ambiental.



Fonte: Fotografia nossa.

A história utilizada no processo de dramatização, criada pela primeira autora deste trabalho e inspirada na animação intitulada “Homem” de Steve Cutts, está explicitada a seguir:

Em uma linda floresta, existem várias árvores, diversos animais, cachoeiras e lagos, o que garante a manutenção de um ambiente sustentável e agradável para todos os animais que vivem nessa floresta. Certo dia, dois caçadores descobriram esse ambiente e enxergaram ali uma oportunidade de se aproveitar dos recursos naturais disponíveis naquela floresta. Assim, em um primeiro dia, os caçadores capturaram e mataram uma raposa para utilizar a pele na produção de “casacos” e, também, cortaram uma árvore para usar a madeira dela. Não satisfeitos, eles voltaram à floresta, no outro dia, e cortaram mais duas árvores, mataram um tigre para vender sua pele e, dessa vez, acabaram jogando garrafas de plástico e sacolas durante o percurso e até na “beira” do lago. Os dias foram passando e os caçadores apresentaram a floresta para várias outras pessoas que começaram a ir visitar o lugar para aproveitar o lago e as cachoeiras. Várias pessoas iam fazer piqueniques e tomar banho no lago, mas começaram a poluir a floresta e a jogar restos de alimentos, embalagens, garrafas de plástico. A partir desses eventos, aquela floresta foi cada

(83) 3322.3222

contato@conedu.com.br

www.conedu.com.br

vez mais devastada com a agressão aos animais, às árvores, aos lagos e a cachoeira. Assim, as árvores, os animais e água daquele lugar foram sendo destruídos, o lugar perdeu a sua harmonia e a sua vitalidade. Os animais que sobreviveram aos caçadores estavam morrendo devido às más condições do ambiente. Os peixes, as tartarugas e os jacarés foram sufocados pelas sacolas e garrafas de plástico que foram jogadas no lago. As zebras, os elefantes e os outros animais andavam pela floresta à procura de alimentos e água limpa para beber. Depois de algum tempo, os caçadores foram à floresta e observaram como ela estava devastada, como todo aquele “paraíso” que eles tinham encontrado foi modificado e destruído: as árvores não davam mais frutos, os lagos e cachoeiras não eram mais atrativos, pois estavam poluídos, os animais não davam mais vida ao ambiente, os pássaros não “cantavam” mais, todo aquele lugar tinha perdido seu encanto. Assim, depois que observaram aquela situação, os caçadores passaram a refletir sobre tudo o que eles fizeram com a floresta, com os animais, com o lago e com a cachoeira. Então, eles se colocaram no lugar das árvores, dos animais e da água e perceberam como eles foram terríveis ao destruir todo aquele ecossistema e ao acabar com o equilíbrio daquela floresta, e que eles não podiam fazer mais nada para fazer a floresta voltar a ser como era antes. Mas, também, perceberam que, depois dessa experiência ruim, eles podiam conscientizar outras pessoas, incentivando-as a preservar a natureza com sua vegetação, seus animais e sua água.

A história supracitada foi narrada pausadamente, e os personagens representados pelas crianças, ao serem citados, foram interpretados por meio de gestos, expressões faciais e corporais. Na Figura 2, tem-se um registro fotográfico de alguns momentos em que os alunos encenaram a história narrada.

Figura 2 - Registro fotográfico das crianças participantes da dramatização de uma cena sobre a degradação ambiental.



Fonte: Fotografia nossa. Nota: As estrelas contidas nas fotos foram acrescentadas para preservar a identidade dos participantes.

Ao final da dramatização, quando o caçador demonstrou estar arrependido, uma das crianças comentou “eu entendi que ele se arrependeu”. Acredita-se que oportunidades como essas, que propiciam uma aproximação com temas relacionados à educação ambiental de modo lúdico, com o estímulo do exercício de se colocar no lugar do outro, seja esse outro uma planta, um animal ou até um agressor que demonstra arrependimento, são essenciais no processo de construção de uma consciência cidadã.

A fase seguinte, a do Compartilhar (MALAQUIAS, 2012), foi iniciada com a exibição de imagens, no data show, de situações de animais machucados, de animais marítimos mortos, de florestas incendiadas e de lixos nas ruas e em açudes de Campina Grande- PB. Diante das cenas, as crianças demonstraram expressões de preocupação e de sensibilidade empática.

Depois da exibição dos slides, o grupo foi convidado a participar de uma roda de conversa para compartilhar suas experiências proporcionadas pelas vivências. Quando perguntadas a respeito de seus sentimentos relacionados à vivência, predominou entre as respostas das crianças aquilo que Hoffman (1991) chama de tristeza empática: “me senti triste”, “me senti mal”.

Contatou-se, ainda, que a intervenção proposta também favoreceu a construção de perspectiva crítica a respeito do que está por trás de muitas violações ao meio ambiente, como os interesses capitalistas: “todos os animais estavam quietos em seu lugar... aí o caçador foi e matou eles, só para ganhar dinheiro”.

Para finalizar a etapa “Compartilhar”, a mediadora perguntou: “O que os caçadores poderiam fazer?”. Com as respostas, que demonstram, de modo congruente com a literatura (BERENGUER, 2010; GASPARG, 2014), que a sensibilização empática favorece comportamentos altruístas, as crianças mencionaram: “ajudar”, “jogar lixo no lixeiro”, “ajudar o meio ambiente”.

Na quarta e última etapa da intervenção, a do comportamento pró-social, as mediadoras estabeleceram uma “missão do dia”, entregaram uma muda de planta para cada criança e falaram que elas deveriam “dá a mudinha de planta para alguém e ajudar a cuidar dela”. Segundo os registros do diário de campo, as crianças se mostraram empenhadas com a missão e demonstraram cuidado com a muda, uma criança mencionou que iria presentear uma funcionária da escola. Na intervenção seguinte, as mediadoras retornaram à escola para saber o que as crianças fizeram com as mudas e surgiram comentários como:

“aah, eu dei para a minha mãe e ela ficou bem feliz e a gente plantou juntas”;
“meu pai ama plantas e a gente plantou no muro lá de casa, junto com as plantinhas dele, agora eu vou ficar responsável por aguar toda vida e isso fez eu gostar mais do meio ambiente”; “Tia, antes eu jogava lixo no chão, agora não joga mais.”;
“eu plantei na frente de casa pra ficar um florido bem bonito na frente da minha casa e eu vou ficar cuidando todos os dias”.

Com essa iniciativa, tentou-se levar as crianças a transporem o mundo das ideias, fazendo a educação ambiental deixar de ser apenas um conhecimento teórico distante, para se tornar um conhecimento pragmático em que todos são protagonistas da história.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com base nos resultados encontrados, acredita-se que o trabalho realizado se mostrou eficiente no desenvolvimento da sensibilização empática em prol da conscientização ambiental e da redução de agressões a natureza. Os próprios alunos validam os avanços alcançados quando relatam, por exemplo, ações altruístas relacionadas ao meio ambiente e de combate a agressões contra a natureza.

A especificidade deste relato de experiência dentro do processo da educação ambiental está no fato de não se buscar apenas transmitir conteúdos formais sobre o tema, mas principalmente de levá-los a se sensibilizar, de modo empático, com o sofrimento da natureza quando é agredida.

Por fim, espera-se que essa forma peculiar de se promover a educação ambiental, perpassada pela empatia, seja fomentada como parte integrante das políticas públicas para promover a conscientização ambiental, para que essa ação não se torne apenas uma atividade extracurricular fragmentada e desarticulada (MEDEIROS; RIBEIRO; FERREIRA, 2011), mas que permita o favorecimento da preservação do meio ambiente e da manutenção da vida.

AGRADECIMENTOS

A professora Dra. Cleonice Camino por ter colaborado na idealização desse projeto; a Larissa Reis Alves e a Valdeilma de Freitas Alves por terem contribuído com a mediação das intervenções realizadas. E, por fim, ao CNPq pelo financiamento de bolsas de pesquisa.

REFERÊNCIAS

BERENGUER, J. The Effect of Empathy in Environmental Moral Reasoning. **Environment and Behavior**, v. 42, n. 1, p. 110-134, 2010.

BERENGUER, J. The Effect of Empathy in Proenvironmental Attitudes and Behaviors. **Environment and Behavior**, v. 39, n. 2, p. 269-283, 2007.

BETIOL, L. S. Legislação ambiental no Brasil é uma das mais completas do mundo, **Notícias Governo do Brasil**, 2010. Disponível em: <http://www.brasil.gov.br/noticias/meio-ambiente/2010/10/legislacao>. Acesso em: 08 jul. 2019.

BRASIL. Decreto nº 9.605, DE 12 DE FEVEREIRO DE 1998: Lei de crimes ambientais. Brasília, DF: fev, 1998.

BRASIL. Decreto nº 9.795, DE 27 DE ABRIL DE 1999: Lei de Educação Ambiental. Brasília, DF: abril, 1999.

BRASIL. Ministério do Meio Ambiente e Ministério da Educação. Programa Nacional de Educação Ambiental. Brasília: MMA e MEC, 2005. 3ª Ed. 102p

BUSS, A. H.; PERRY, M. The aggression questionnaire. **Journal of Personality and Social Psychology**, v. 63, p. 452-459, 1992.

FÁVERO, M. H. A. **A pesquisa de intervenção na psicologia da educação matemática.** Educar em revista, Curitiba. Editora UFPR. n. Especial 1/2011, p. 47-62, 2011.

GALVÃO, L. K. S. **Desenvolvimento moral e empatia: medidas, correlatos e intervenções educacionais.** 2010. 299 f. Tese de Doutorado, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2010.

GASPAR, A. **Neurobiologia e psicologia da empatia pontos de partida para a investigação e intervenção da promoção da empatia.** Faculdade de Ciências Humanas, Universidade Católica Portuguesa. CIS – Centro de Investigação e Intervenção Social, ISCTE-IUL, 2014.

GEIGER, N. *et al.* Observing Environmental Destruction Stimulates Neural Activation in Networks Associated with Empathic Responses. **Social Justice Research**, Springer, v. 30, p. 300-322, 2017.

HOFFMAN, M. L. Empathy, role-taking, guilt and development of altruistic motives. *In*: EISENBERG, N; ROYKOWSKY, J.; STAUB, E. (Org). **Social and moral values: individual and societal perspectives.** Hillsdale: N.J. Erlbaum, 1989, p. 285.

HOFFMAN, M. L. Empathy, social cognition and moral action. *In* W. M. Kurtines & J. L. Gewirtz (Eds.), **Handbook of moral behavior and development.** New Jersey: LEA, p. 65-87, 1991.

LANDIM, I.; BORSA, J. C. Revisão sistemática sobre programas de intervenção para redução de comportamentos agressivos infantis. **Contextos Clínicos**, v. 10, n. 1, p. 110–129, 2017.

MALAQUIAS; M. C. Teoria dos grupos e sociatria. *In*: CONCEIÇÃO, M. I. G.; NERY, M., P. **Intervenções grupais: o psicodrama e seus métodos.** São Paulo: Ágora, 2012.

MEDEIROS, M.; RIBEIRO, M.; FERREIRA, C. Meio ambiente e educação ambiental nas escolas públicas. **Âmbito Jurídico**, Rio Grande, v. 14, n. 92, 2011.

MINAYO, M. C. de S. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. 5. ed. São Paulo: Hucitec-Abrasco, 1998.

SEVILLANO, V.; ARAGONÉS, J.I.; SCHULTZ, P. W. Perspective Taking, Environmental Concern, and the Moderating Role of Dispositional Empathy. **Environment and Behavior**, v. 39, p. 685–705, 2007.

SOUSA, A. S. *et al.* **Comportamentos agressivos e desenvolvimento empático na infância: intervenção educacional**. In: IV Congresso Nacional de Educação - CONEDU. 2017. João Pessoa/PB.

VYGOTSKY, L. S. **Formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores**. São Paulo: Martins Fontes, 1984.

Link do recurso sugerido:

Curta “Homem”: <https://www.youtube.com/watch?v=E1rZFQqzTRc&t=58s>